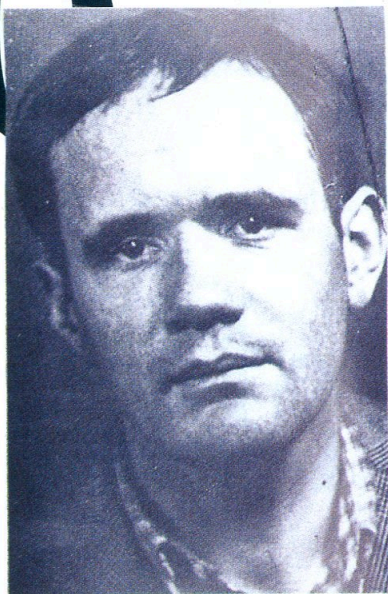
Jean Genet

PALAVRA DE LADRÃ

Gostava de Proust, admirava Nietzsche, desdenhava Kafka. Aprendeu a escrever numa prisão. Roubou. Fez da traição eucaristia, do estripador de crianças Gilles de Rais o seu apóstolo. Amava a Virgem, Joana d'Arc e todos os infames do mundo. Queria ser um filho da puta. Foi um dos maiores autores do século.

FERNANDA CÂNCIO. *texto*

1941, DEZEMBRO. PARIS BEBE o veneno da ocupação. A uma quinzena de dias do Natal, as ruas traem o costume. Mesmo se o racionamento obriga a apertar o cinto e a dar à perna, os parisienses lá se vão safando o melhor que podem, entre as senhas e o mercado negro. Ainda não chegou a altura de provar: faltam uns meses para que as primeiras levas de judeus marquem a ferros a ignomínia dos inertes e façam agitar as hostes dos pensadores.

Para o livreiro Pierre Béarn, que puxa pelas canelas na bicicleta, Rua Saint Jacques acima, as penas são outras. Rumina nos seis belos volumes da Recherche de que, em séries de três, um malandrim lhe aliviou a montra e a bolsa. De suspeitas afiveladas mal deu pela repetição da graça, corre com um acólito para o poiso do ladrão mais que provável, um tipinho pouco simpático, "testa pesada, nariz maldosamente esmagado de ex-*boxeur*, olhos desconcertantes de tão fixos sob o peso das espessas sobrancelhas" que lhe ronda diariamente a loja, de sacola de couro sob o braço. Um *chineur*, como os livreiros conhecem a espécie malfadada de intelectuais sem obra nem cheta que lhes enxameia as lojas, em busca de um preço de ocasião. Ou de uma ocasião sem preço, no caso. Seja como for, no hotel miserável que serve de endereço ao indivíduo em questão só resta um par de malas cheias de roupa interior, à guarda da portaria. O gerente bem protesta, mas os justiceiros não hesitam. A época não está para vernizes e as malas não estão fechadas à chave. Vasculham, vasculham, mas nada: o *chineur* partiu para outra freguesia e não deixou a biblioteca. *Ça, alors!* Já lá vão uns dias e Béarn ainda não se conformou. Só mesmo um francês, resmunga para os seus botões. No meio desta desgraça toda, ainda há quem se dedique a roubar os compatriotas, em vez de cuspir na cara dos boches. *Sale chance!* Ao fundo da rua, uma correria repentina interrompe-lhe o fervor patriótico. Acelera para averiguar a causa. Uma pequena multidão atropela-se no sentido do Sena, no encalço de dois polícias que dão tudo por tudo nas suas bicicletas. À cabeça de todos, um homem corre a toda a brida, de embrulho ao peito. Decerto sem mais que fazer ou como reflexo do trauma recente, o livreiro

força o andamento. À entrada da ponte de Notre Dame está quase sobre o fugitivo, que se vira bruscamente. Com a surpresa, Béarn quase cai da bicicleta. Se não é o seu ladrão, que no súbito silêncio da populaça, com um molho de tecidos ao peito, o olha com desprezo? *"C'était donc vous"*, articula o livreiro, *"Jean Genet?"* O outro não responde, num esgar dos olhos negros, duas fendas que sorriem sempre. Envergonhado, Béarn some-se na confusão.

"Quem poderia adivinhar naquela época", justifica anos mais tarde, "Que Jean Genet, personagem obscura e desprezível, se tornaria a *coqueluche* da burguesia francesa..."

Quem diria, de facto. Para Genet, Jean Marcel, 31 anos, apre-

sentado em Janeiro de 42 ao 6.º juízo do tribunal correccional de Paris, é a décima primeira condenação. De 1937 até à data, foram doze lenços, posse de arma e documentos roubados, deserção do exército, quatro garrafas de licor, falsificação de bilhetes de comboio, vagabundagem, uma

Retrato do ladrão pederasta traidor enquanto jovem, na colónia penal/casa de correcção de Mettray

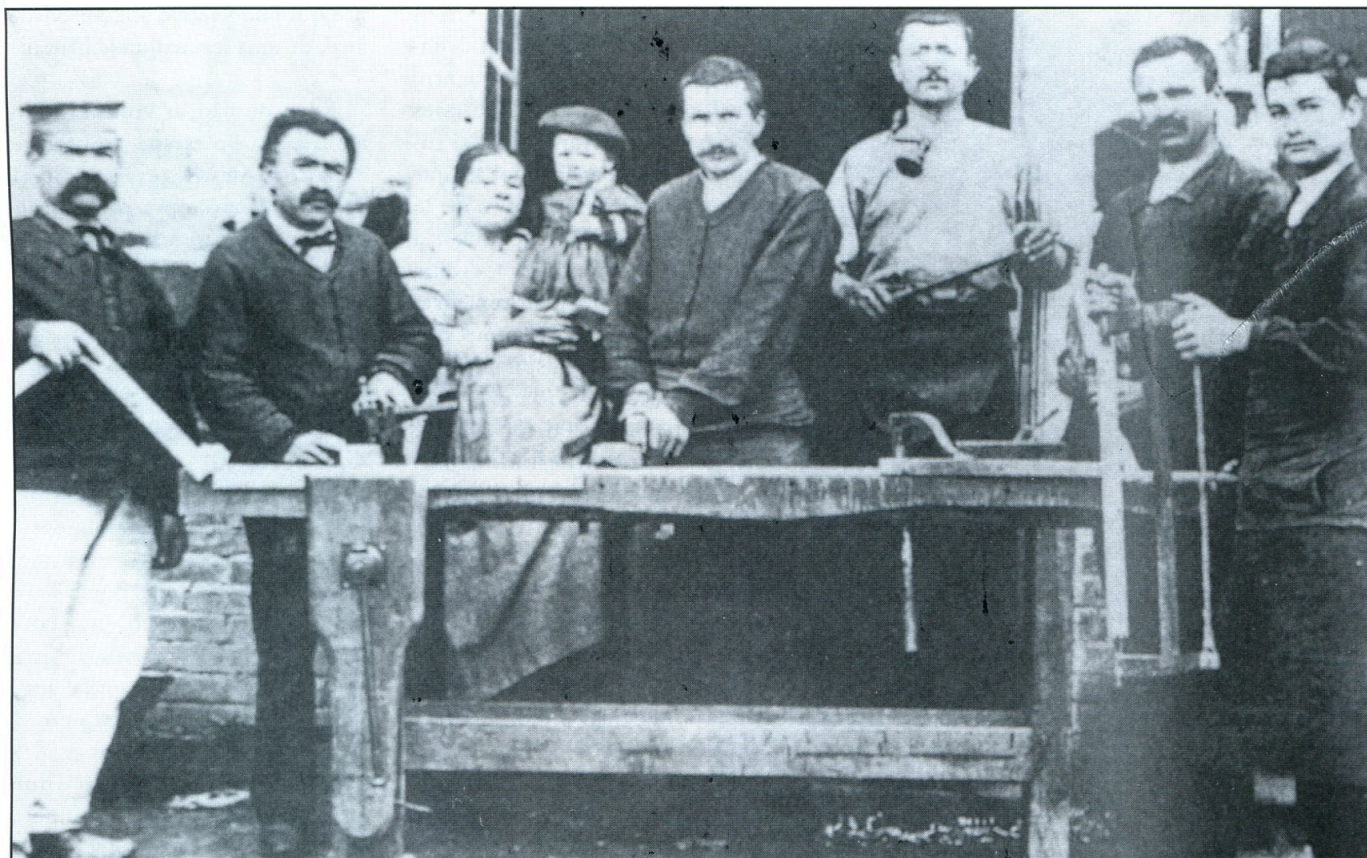
camisa e um metro de seda, livros de História e Filosofia: tudo somado, quase dois anos de prisão intermitente. Um autêntico inimigo público. De cabelos em pé com tal cadastro, o juiz requer uma opinião abalizada: o moço não lhe parece lá muito certo, se calhar devia era levar uns electrochoques, assim à maneira de Antonin Artaud, a quem Jacques Lacan, psicanalista laureado, fritou os miolos. Que diabo: em tempo de assassinos ainda há quem se divirta a brincar aos polícias e aos ladrões? Só um maluquinho. Mas o patologista de serviço não nasceu ontem. Aliás, é um velho conhecido: ele e Genet encontraram-se quinze anos antes, em alturas do reformatório, quando as respectivas carreiras ainda iam no adro.

O exame desta vez é breve. "Penitenciária ou asilo?" Com direito a escolha, Genet vai pelo mal que já conhece. São três meses, mais coisa menos coisa. Que sobre para correr umas duas ou três vezes o segundo tomo da edição roubada a Pierre Béarn. *"À l'ombre des jeunes filles en fleurs"* promete delícias sem fim, desde a primeira frase. Genet recordará sempre o êxtase da primeira linha, desse longo encadeamento proustiano de sensações e ideias que o faz sonhar um dia inteiro na antecipação de um tesouro.

Nada como esses períodos de absoluto repouso, sem preocupações de sobrevivência, que a prisão lhe garante, para pôr em dia os clássicos. Precisamente, é ele que o diz, quando, mais uma vez apanhado a roubar numa livraria, é trazido perante o tribunal: "Sr. juiz, se não fosse ladrão, seria ignorante, todas as belezas da literatura me seriam estranhas, pois foi para aprender o ABC que roubei o meu primeiro volume. E seguiu-se um segundo, e depois um terceiro..." Enfim. Para finalizar, Genet assevera que, longe de roubar *"n'importe quoi"*, procura anualmente os laureados do prémio Goncourt. Tudo isto em voz doce, com aquela cara sorridente, entre o enigmático e o apatetado, das fotografias. Não admira que, de quando em quando, um magistrado mais crédulo lhe questione as faculdades mentais.

Afinal, a tradição vem de longe. Desde muito cedo que, órfão abandonado sem nome de pai, Jean Genet foi medido, examinado, diagnosticado. Estavam na moda à época os registos antropométricos, que os nazis se encarregarão depois de tornar tristemente célebres. Para os deserdados da sorte, vagabundos, presidiários, dementes e pupilos do Estado, a regra é o controlo rigoroso dos traços, a classificação por tipos, a avaliação das faculdades, tudo resumido num caderninho permanente, à laia de BI, por falta do qual se vê o sol aos quadradinhos. Uma ideia que promete em qualquer Estado de direito.

Filho de Camille Gabrielle Genet, de 22 anos, celibatária, ocupação declarada governanta e sem residência conhecida, Jean, nascido a 19 de Dezembro de 1910, é abandonado aos sete meses no Hospice des Enfants Assistés. Nunca mais verá a mãe, morta oito anos mais tarde de gripe espanhola, nem conhecerá o irmão ou irmã que, igualmente abandonado, viu a sua identidade oculta até hoje. Para Jean a única família será a dos Regnier, artesãos de Alligny-en-Morvan que como muitos outros habitantes da zona do Morvan recebem em sua casa, mediante uma mensalidade, um órfão parisiense. Culs-de-Paris, é como lhes chamam na zona, aos bastardinhos que a grande cidade vai desovando. À falta de melhor prova, todos são filhos de prostitutas. E o tratamento depende da sorte. O pequeno Jean, baptizado Marcel segundo o pai adoptivo, nem é dos mais azarados, embora mais tarde, para compor o ramalhete da desgraça em Notre Dame des Fleurs, se conte, sob o nome de um colega efectivamente maltratado — Cullafroy e não Culafroy, como Genet prefere —, vítima de mil e um vitupérios.

Ao contrário de Cullafroy e de outros que enchem de pancada de manhã à noite, trabalham como escravos e dormem na cozinha presos à perna da mesa, Genet é tratado como um filho pela "mãe" Eugénie, que sonha vê-lo padre. Canta no coro da igreja, é o melhor da aula e, durante a guerra, rodeado de mulheres, é o reizinho da casa. Não admira que, com tanto enlevo, esqueça a verdadeira condição. Tanto pior: perito em redacções, leva a palma quando o tema é "a minha casa". Comovido, o mestre lê em voz alta a obra do pequeno talento.

Em algazarra, os colegas não perdoam: "Mas não é a casa dele, foi abandonado!" Sessenta anos mais tarde, Genet recorda a humilhação, o vazio. E a raiva. "Soube então que não era francês, que não pertencia à aldeia... Oh! A palavra não é demasiado forte, odiar a França não é nada, era preciso mais que odiar, vomitar a França." Verdade ou consequência, é por essa altura que se certificam os primeiros desvios, os roubos na escola e em casa que ele e os seus intérpretes ligam à rejeição múltipla de criança bastarda, abandonada, que toma ao mesmo tempo consciência de uma sexualidade banida e do fim do idílio. Aos treze anos, os órfãos da Assistência Social são retirados aos pais adoptivos. Ou deixam de garantir uma mesada, o que vai dar no mesmo. Tanto mais que, em 22, Eugénie morre e Genet passa para o cuidado da filha mais velha, Berthe. Um ano depois deixa o Morvan para nunca mais. O diploma de melhor aluno da aldeia permite-lhe escapar ao destino de servente agrícola e entrar numa das mais exigentes escolas públicas, onde é suposto aprender o ofício de tipógrafo ou coisa que o valha. É igual: duas semanas depois do internamento na instituição que se orgulha do seu ensino paternal e dissuasor (de quê?), o pivete de treze anos desaparece durante sete dias, para ser encontrado já em Nice.

Descrições sortidas de vagabundagem infantil na obra de Genet formam um quadro misto de encantos, sustos, iniciações. Dormidas ao relento, frio, fome, a experiência — primeira? — do sexo fortuito, a troco de dinheiro ou comida. O relatório do vexado director da escola fala de "debilidade mental" evidenciada por uma constituição frágil, "efeminada". E pela própria fuga, claro, suportada ao que se averiguou por uma ideia fixa de procurar a sorte na América, no Egipto,

A "família" Regnier em meados de 1912, com o bebé Jean Marcel ao colo de Eugénie, e foto da primeira comunhão, em 1922

Genet dois anos antes da morte, em Rabat, e Abdallah na corda bamba

no cinema... Voltar a estudar está fora de questão, arranjam-lhe ocupações sucessivas, sempre com mau final. A última é secretariar um cego parisiense, René de Buxeil, popular compositor da época, bem envolto na boémia mas mal de finanças que ao fim de sete meses grita ó da guarda. Cento e oitenta francos foram à vida e o que resta da reputação de Genet também. Aos quinze anos é um delinquente confesso, dentro e fora de instituições correccionais leves, fugido e apanhado, até que em 2 de Setembro de 26 é confiado, até atingir a maioridade, à Colónia Agrícola Penitenciária de Mettray, uma das melhores inspirações do célebre *Surveiller et Punir*, de Michel Foucault, estudo aturado das fórmulas prisionais. Não esquecendo *Miracle de la Rose*, o romance n.º 2 de Genet, dedicado a esses dois anos e meio em que foi "paradoxalmente feliz". Martírio e glória, à boa maneira bíblica, com uma grande ajuda do favor que a maioria da comunidade lhe presta em termos sexuais. *"Une très haute dame"* é o que ele se vangloria de ser, mas nem por isso deixa de tentar a fuga mal tem oportunidade. Apanhado dois dias depois, é enfiado na solitária, uma cela exígua, gelada, sem luz, com a frase *Dieu te voit*, escrita a branco nas quatro paredes, como única companhia. E bastante apropriada, já que de vez em quando o frio e o terror levavam a melhor e o prisioneiro oficialmente falecido de "congestão" ficava assim desde logo entregue ao criador. Genet assiste a esses funerais sumários, jura família. *"On m'a compris: dans mon cœur je ne conservais aucune place oú peut se loger le sentiment de mon innocence."* Cobarde, traidor, ladrão, pederasta, todos os nomes do opróbrio lhe condecoram o orgulho nessa comunidade de infelizes de que ele relembrará sempre o sonho de uma solidariedade viril, de uma sensualidade brutal.

Éden ou não, o voluntariado no exército é o escape, mal atinge a maioridade. A versão oficial declina a deserção precoce, ao fim de poucos meses, mas na verdade o tempo de soldado dura, entre comissões e realistamentos, meia dúzia de anos. A total ausência de perspectivas, o desespero — uma das suas personagens fala do exército como um suicídio simbólico —, a perseguição de algo que recrie a camaradagem dura da prisão, as viagens... Alistado no exército do Levante, Genet pode conhecer as terras do Oriente com que sonhou desde Alligny: Damasco, Beirute, Marrocos. O início de um longo amor que determina a última vontade, a sepultura em Larache, perto de Rabat.

Em 33, civil por meio ano, corre a Espanha. Peripécias pintadas em *Le Journal d'un Voleur*, onde como de costume se apropria das experiências de outros — quanto piores, melhor. Tipicamente, deliciá-lo-á sempre especificar, antes de uma entrevista, a única pergunta proibida: se matou *ou não alguém. Querelle c'est moi*, é como quem diz.

Em vésperas da guerra, atravessa a pé toda a Europa. Em Praga mistura-se com os primeiros refugiados do Reich, para depois, num acesso de loucura, resolver "atacar" Berlim. O Estado-crime dá-lhe a volta à cabeça, a ele que vomita todas as autoridades. A ingenuidade é sempre mais forte que a experiência. "Impossível roubar aqui", diz Genet, passeando em Unter den Linden para baixo e para cima. *"Ici, je vole à vide."*

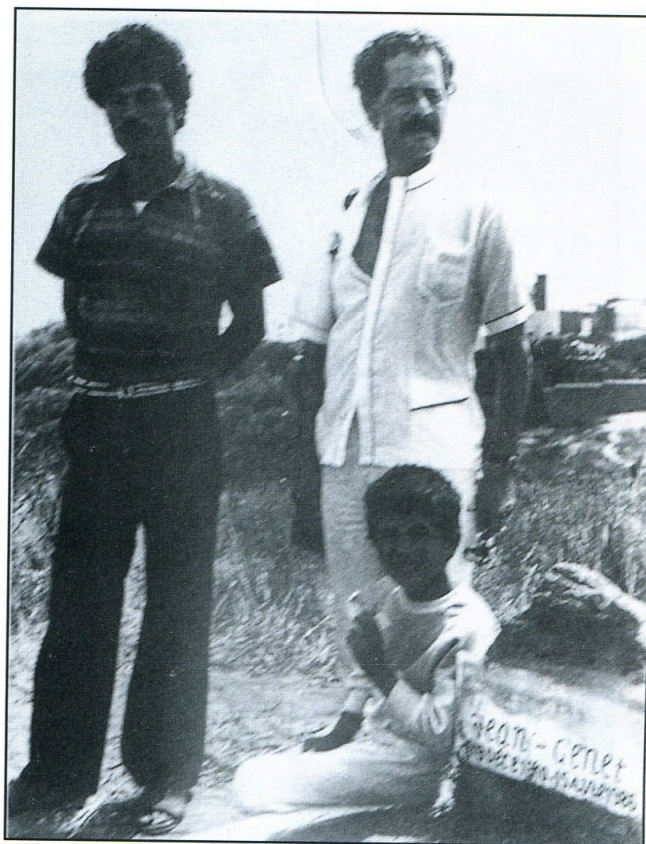
Os nazis em França deixam-no na mesma, ainda que só a amizade bem relacionada de Jean Cocteau, o primeiro grande protector artístico, o livre de apodrecer num campo de concentração aquando de mais uma prisão por vagabundagem. 42 é o ano em que se dá,

segundo termo do próprio, o *"déclic"*. Está mais uma vez preso, quando ao se propor iniciar uma carta a uma amiga conhecida na Checoslováquia, Anna Bloch, o grão do papel lhe induz algo de absolutamente novo: escrever sem recorrer às fórmulas, seguir o impulso das palavras. O destino revela-se, o manuscrito de *Notre Dame des Fleurs* data desse ano, assim como o longo poema *Le Condamné à Mort*. Cinco romances, duas peças, vários poemas em sucessão rápida. Dentro e fora da prisão, Genet mantém um círculo de admiradores e protectores, faz-se caro, torna-se conhecido. Em 47 recebe um prémio literário, em 49 uma petição dos escritores de *tout-Paris* vale-lhe um perdão presidencial. Para quem faz do insulto das instituições francesas, com De Gaulle à cabeça, um *panache*, não está nada mal.

"Une fois libre, j'étais perdu", conta mais tarde a um jornalista. Está salva a honra do convento, mesmo que em 52 Sartre lhe faça, em *Saint Genet, Comedien et Martyr*, a estátua no prefácio às *Obras Completas* (!). *"Je suis un autre"*, acha por bem retorquir o santo. E para rimar com Rimbaud, faz-se à vida: sucede os amantes, de preferência facínoras — Java, Decimo, Lucien — e as viagens, experimenta no cinema. O argelino Abdallah, o acrobata mortal saído das páginas de *Zaratustra* encontra-o em 55. Genet mete na cabeça fazer dele uma obra de arte, esculpe-o, desenha-lhe os riscos no arame, procura-lhe professores. Uma queda e depois outra destroçam o brinquedo, o senhor deixa-o cair. A 12 de Março de 64, o corpo putrefacto de Abdallah, veias abertas e uma *overdose* de barbitúricos, é encontrado sobre uma mortalha de livros do mestre. Genet está entre os primeiros a irromper no cenário. Nos dias que se seguem destrói manuscritos, anuncia o fim da escrita, faz testamento e desaparece. Os amigos interrogam-se, Sartre decreta: é a incapacidade da tristeza que o faz desvairar.

Seguem-se duas décadas sem obra, em que o nome de Abdallah fica para sempre proscrito. Viaja, apaixona-se, entra na América clandestino (homossexual, ladrão, politicamente suspeito, não preenche condições para um visto) para, a convite da *Esquire*, cobrir o congresso democrata. Conhece Burroughs e Ginsberg, envolve-se na agitação anti-Vietname, assiste às cargas da polícia. Mantém a exterioridade face aos movimentos de protesto, mesmo se em Maio de 68 dedica um texto a Cohn-Bendit. Quebra a regra para, ao lado de Foucault e Duras, se manifestar contra o racismo francês. Dez anos de pequenos artigos, prefácios, revoltas. *Violence et Brutalité*, publicado no *Le Monde* em 77 e dedicado ao grupo terrorista alemão Facção do Exército Vermelho, deixa a opinião pública estarrecida. Dois anos depois, os médicos diagnosticam-lhe um cancro na garganta.

Un Captif Amoureux. É o nome do último livro, o relato das experiências com os Panteras Negras e com os palestinianos cujas segundas provas Genet revia na morte, a 14 de Abril de 1986. Prova de fogo de consciência política ou mais uma provocação, teatralização da revolta... É difícil entender, até porque nada leva a crer que ele soubesse distinguir, mesmo quando dizia "quando os palestinianos tiverem um país, eu já não estarei lá".

Desprendimento que o rosto liso de bebé velho nas fotos dos anos de "luta", entre Arafats e guerrilheiros negros, insiste em desmentir. Prisioneiro do amor? Como todos os outros livros, pode ser um hino aos mortos, um daqueles gestos que se fazem sobre o cadáver dos mais queridos no momento em que a distância está finalmente certificada, sem mais armadilhas. Selado o silêncio e a culpa. Abdallah, claro, e também Chatila, o campo de refugiados arrasado pelas milícias cristãs libanesas com o beneplácito israelita em que ele é o primeiro europeu admitido, com dois fotógrafos americanos. Um mês depois, *Quatre Heures à Chatila* faz o mapa das ruelas entupidas por cadáveres disformes, enegrecidos, em que os golpes de machado regurgitam enxames de moscas. Uma gincana macabra que compara a *"un jeu de saute-mouton"*. Nas paredes podia estar escrito *Dieu te voit*, a sangue ou no negro das moscas. Genet, Genet que aplaudiu a entrada dos tanques alemães em Paris e na Polónia ("Afinal, os polacos puseram-me na prisão...") e elegeu Gilles de Rais apóstolo do mal, celebrado nas entranhas de centenas de crianças, no perfume dos seus ossos incinerados, que dirá agora? Que fazer da pose?

"Ma vie visible ne fut que feintes bien masquées", diz o ladrão. O inferno e voltar. E depois o reino dos céus? ❑

O último amor, Mohammed El-Katrani (à esquerda) com o filho Azeddine e o escritor Mohammed Choukri, junto à tumba em Larache

A *GR* agradece às Ed. Gallimard e a Pierre Jestede.